



“A GÍRIA” O IDIOMA DOS EXCLUÍDOS, OS DIALETOS MARGINAIS E A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM OS MISERÁVEIS DE HUGO

*Gleidson Antônio da Silva*¹
Universidade Federal de Goiás
Jataí, Goiás, Brasil
gleidsonslayer@gmail.com

*Maria das Graças Alves De Jesus*²
Universidade Federal de Mato Grosso
Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil
maria.gracinha.9@gmail.com

Resumo: Esse trabalho irá abordar a configuração dos grupos marginais da cidade presentes na obra de Hugo. A análise será conduzida a partir do livro, do 7º do segundo volume da obra *Os Miseráveis* “A Gíria”. Nesse livro Hugo expõe a variação das falas de determinados grupos sócias que compõem o tecido social da cidade e seu espaço urbano. Hugo se refere a gíria na obra como sendo ela “um horror! essa é a língua dos bandidos, das galés, das prisões, de tudo aquilo que a sociedade tem de mais abominável!” (HUGO, 1989, p. 989). Nesse sentido Hugo traz uma representação dos marginalizados apoiada em suas falas, quase um dialeto, e que nos da a configuração espacial da cidade de Paris na obra *Os Miseráveis*.

Palavras Chave: História; Literatura; gíria; Victor Hugo; século XIX.

¹ Graduando UFG/Jataí

² Graduada em Historia UFMT/Rondonópolis

Victor Hugo sem dúvidas foi um dos Homens que mais admirou Paris. Mas não só a Paris das ideais republicanos, mais em um todo, desde sua arquitetura até sua espantosa configuração urbana, em sua obra *Os Miseráveis* Hugo nos apresenta diversos aspectos relevantes para uma representação do espaço urbano da cidade de Paris. Esse trabalho irá abordar a configuração dos grupos marginais da cidade presentes na obra de Hugo. A análise será conduzida a partir do livro 7º do segundo volume da obra *Os Miseráveis* “A Gíria”. Uma vez que a representação urbana do século XIX, por ser muito complexa, requer uma análise dos aspectos sócias e como Hugo dispõe esses aspectos ao leitor.

Uma vez que toda essa complexidade do espaço urbano e marcado por diversas relações, onde cada relação pré-estabelecida, pode agir para a constituição do tecido geral da cidade, segundo Maria Izilda Santos de Matos, essas mesmas relações podem produzir no espaço urbano alterações permanentes sendo o resultado das ações e costumes de diversas épocas representados em vários domínios do conhecimento resultando na paisagem.

Os estudos históricos também entendem as cidades como territórios que condicionam experiências pessoais e coletivas. Sob a cidade fisicamente tangível, descortinam-se outras análogas e invisíveis, tecidos de memórias do passado, de impressões recolhidas ao longo das experiências urbanas. A história da cidade passa a ser vista como a história da especialização do tempo e das escolhas coletivas.

Em sua transformação, a cidade tanto pode ser registro como agente histórico. Nesse sentido, destaca-se a noção de territorialidade, identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, no qual a rua, a praça, a praia, o bairro e os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias. Lugares que além de sua existência material, são codificados num sistema de representações que deve ser focalizado pelo pesquisador, ao investigar os processos de territorialização , desterritorialização e reterritorialização. (MATOS, 1999, p.14)

Partindo desse apontamento, verifica-se tamanha a complexidade dos processos de transformação do espaço, além de apresentar a possibilidade de novos estudos, uma vez que a cidade passa a ser um registro real de vários tempos, possibilitando nesse sentido uma análise das memórias coletivas, e possibilitando também a análise da memória individual, nesse sentido em que será abordada a configuração urbana da cidade de Paris na obra *Os Miseráveis*, a partir da descrição da cidade que Victor Hugo buscou representar.

Em seu livro 7º “A gíria” do segundo volume, Hugo expõe a variação das falas de determinados grupos sócias, que podem ser de suma importância para o estudo do tecido social da cidade e seu espaço urbano. Hugo se refere a gíria na obra como sendo ela “um horror! essa é a língua dos bandidos, das galés, das prisões, de tudo aquilo que a sociedade tem de mais abominável!” (HUGO, 1989, p. 989). Nesse sentido Hugo traz uma representação dos marginalizados apoiada em suas falas, quase um dialeto, e que nos dá a configuração espacial da cidade de Paris na obra *Os Miseráveis*.

No século XIX o espaço urbano e suas multidões constituem-se em um dos temas mais caros para a literatura. Pode-se dizer que a literatura que nasce neste período é cidadina. Dickens, Balzac, Hugo, Dostoiévski, Gogol, Zola, para só citar literatos europeus do século XIX, foram alguns dos que, ansiando por desvendar a alma humana, compreenderam que deviam encarar a cidade, estabelecendo um fluxo entre o devaneio pessoal e intransferível e o bulício das ruas³.

A transformação urbana das cidades de Londres e Paris no século XIX, não por acaso e um tema muito visitado pelos escritores da literatura desse período, a nova lógica de produção material potencializou nas cidades, transformações relevantes em todos os aspectos do cotidiano, uma vez que a espantosa expansão do espaço urbano e o grande aumento da população não só desperta o horror como também o fascínio desses escritores.

Segundo Maria Stella Bresciani em *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*⁴, a multidão se tornou uma parte fundamental da configuração do espaço urbano evidenciando a representação da cidade de Londres através das palavras de Mary Shilley.

Nessa Londres da metade do século, com dois e meio milhões de habitantes, projeta-se com total nitidez a promiscuidade, a diversidade, a agressão, em suma, os vários perigos presentes na vida urbana. Para além do fascínio se faz sentir medo. Na expressão de Shelley: “o inferno é uma cidade semelhante a Londres, uma cidade esfumaçada.” (BRESCIANI, 1987, p.22).

Mary Shilley descreve Londres se parecendo o inferno, como paisagem, esfumaçada, certamente a autora se refere mais que a poluição das fabricas e a sujeira

³ Cf. MENEZES, Marcos Antonio de. *O poeta da vida moderna: história e literatura em Baudelaire*. Curitiba: CRV, 2013.

⁴BRESCIANI, Maria Estela. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

das ruas, mas sim a um contexto mais amplo em que permeia outras situações que despertam horror.

Esse sentimento de horror e fascínio proporcionou para Charles Pierre Baudelaire que compôs versos inspirados nos devaneios que surgiram com o surgimento das cidades no início do século XIX, uma vez que as cidades como nós as conhecemos surgem nesse período.

A atitude irônico-maldita adotada pela poética baudelaireana frente à desorientação e à perda de sentido que se instaura entre o poeta e as imagens da cidade aponta, segundo Walter Benjamin, para uma outra dimensão: Vítima das agressões das mercadorias e tragado pelas multidões, o poeta moderno se configura como um embriagado a perambular em total estado de abandono e solidão, sempre à beira de um precipício. (MENEZES, 2013, p.13)

Baudelaire buscou representar seu tempo através do sentimento de perda do seu “eu” em meio à multidão, o poeta traçou a cidade de Paris se utilizando de uma nova estética, Baudelaire procurou no fatalismo e no horror de sua sociedade, chocar ao representar a mesma em seus versos “malditos” evidenciando os sentimentos de espanto, pavor, horror, que o fascinava e de que deles fazia a crítica a sociedade urbana de Paris, um sentimento comum entre autores da literatura do século XIX.

Tais sentimentos comuns entre autores da literatura do século XIX permitiram à Victor Hugo conceber a obra *Os Miseráveis* publicada em 1862. Entretanto, Hugo se diferencia do seu contemporâneo Baudelaire, ao contrário da obra do poeta moderno, que escrevia como participante de sua sociedade, como quem está inserido nas incertezas, Hugo em sua obra *Os Miseráveis* provavelmente se pautou na denúncia das injustiças sociais, se utilizando da narrativa em terceira pessoa, em outras palavras como quem observa e escreve para que se possa notar, sua denúncia.

A visão do romancista, Poeta e Jornalista Victor Hugo tem sua particularidade assim como a de qualquer outro cidadão parisiense, uma vez que ao representar uma sociedade, provavelmente influenciado pelo contexto político francês da primeira metade do século XIX e do seu exílio Victor Hugo buscou em sua obra *Os Miseráveis* apresentar o abominável de sua sociedade sem esquecer a influência do romantismo em sua narrativa, uma vez que Hugo tivera ativa participação política em seu tempo.

O prefácio de sua obra nos apresenta certa intencionalidade latente em denunciar as condições em que a sociedade francesa moderna se desenvolve.

Enquanto existir, fundamentada nas leis e nos costumes, uma condenação social que crie artificialmente, em plena civilização, verdadeiros infernos, ampliando com uma fatalidade humana o destino, que é divino; enquanto os três problemas deste século, a degradação do homem no proletário, o enfraquecimento da mulher pela fome e a atrofia da criança pela escuridão da noite, não forem resolvidos; enquanto, em certas regiões, a asfixia social for possível; em outros termos, e sob um ponto de vista ainda mais abrangente, enquanto houver sobre a terra ignorância e miséria, os livros da natureza deste poderão não ser inúteis. . (HUGO, 1989, p05) Hauteville-House, 1º de janeiro de 1862.⁵

A obra de Victor Hugo se utilizou de vários elementos que puderam representar sua sociedade, uma vez que vários dos problemas provenientes do grande crescimento dos centros urbanos na primeira metade do século XIX aparecem com o advento da modernidade e a nova lógica de produção que emergiu com o final do século XVIII

A intencionalidade de Hugo ao escrever *Os Miseráveis*, não era a de chocar como os poemas de Baudelaire, uma vez que o poeta moderno representa seus conflitos em relação à sociedade, Hugo por outro lado, buscou em sua narrativa descrever sua sociedade de forma que público leitor da época se reconhecesse ao ler sua obra.

O poeta moderno Baudelaire, não deixou de comentar a obra de seu contemporâneo, quando lançada em 1862.

É evidente que o autor quis, em *Os Miseráveis*, criar abstrações vivas, figuras ideais, cada uma das quais representando um dos tipos principais necessários ao desenvolvimento de sua tese, foi elevada a uma altura épica. É um romance construído em forma de poema, no qual cada personagem só e exceção pela maneira hiperbólica como representa sua representa uma generalidade. A maneira como Victor Hugo concebeu e construiu esse romance e como lançou, em uma indefinível fusão, os ricos elementos consagrados geralmente a obras especiais (o sentido lírico, o sentido épico, o sentido filosófico), para deles fazer um novo metal coríntio, confirma uma vez mais a fatalidade que o levou, a transformar a antiga ode e a antiga tragédia, até o ponto, isto é, até os poemas e os dramas que conhecemos. (BAUDELAIRE,1992, p.62).

⁵ Hauteville House é a casa onde Victor Hugo viveu durante exílio. Localizada na Rua Hauteville, 38 em St. Peter Port na ilha de Guernsey. Hugo ficou exilado por oposição ao regime do Segundo Império de Napoleão III, viveu na ilha de 1855 á 1870.

As palavras do seu contemporâneo Baudelaire, ao comentar a obra de Hugo, nos remonta a perspicácia de que Hugo utilizou para que fosse possível que sua obra atingisse o público leitor de forma efetiva, uma vez que além do prefácio da obra, outros trechos corroboram a intenção de Hugo “este livro é um drama, cuja primeira personagem é o infinito, e o segundo é o homem. (HUGO, 1989, p.511)”, Hugo construiu a narrativa de forma que sua obra por um todo pudesse abordar todos os sentidos a sociedade francesa em transição.

A obra de Hugo possibilitou que os proscritos se identificassem com as personagens que Hugo criou, além disso, projetou grande impacto no público leitor, chamando a atenção para problemas de suma importância de uma sociedade em transformação o que teve um grande reflexo para o contexto social.

Não por acaso sua obra *Os Miseráveis* seja considerada de uma grande importância para a França como também para toda Europa.

Victor Hugo talvez tenha sido autores universais, na linha de Cervantes, Shakespeare e Dickens. Não encontro similar no século XX, e duvido que surja algum no século XXI. *Les misérables* para nós um musical, foi lido por toda pessoa alfabetizada quando lançado na França (1862) aos 71 anos. (BLOOM, 2003, p.471).

Nas palavras de Bloom, fica evidente tamanha a dimensão que a narrativa de Hugo atingiu. Em sua obra Victor Hugo, abordou o retrato social de uma sociedade em degeneração permeada de injustiças sociais, e nesse sentido, não por mero acaso evidencia transformações referentes a paisagem de Paris, cidade em que se passa a maior parte de sua narrativa.

Como já dissemos anteriormente, com o advento da modernidade e a nova lógica de produção capitalista proporcionou transformações significativas na paisagem das cidades europeias na primeira metade do século XIX.

Nesse sentido podemos ressaltar o livro 7º do segundo volume de sua obra como de suma importância para a representação da cidade de Paris, uma vez que nesse livro Hugo discute o conceito de “gíria” como um fenômeno de linguagem que caracteriza os diversos grupos sociais, uma vez que a língua é uma das características

mais marcantes da identidade de um indivíduo, pela língua e possível se identificar pertencente a determinada cultura.

Sendo assim e válido dizer que a gíria agiu como um segundo idioma, uma vez que determinadas expressões e palavras são utilizadas por determinados grupos, dando identidade distinta para quem as usa em suas falas habituais.

Em sua obra Victor Hugo, buscou apresentar essas expressões, trazendo assim uma representação do comportamento desses grupos.

Quando, já se vão trinta e quatro anos, o narrador dessa história grave e sombria introduziu em uma obra escrita com o mesmo objetivo que esta um ladrão falando gíria, houve pasmo e clamor. "o quê? Como! Gíria! Mas a gíria é um horror! essa é a língua dos bandidos, das galés, das prisões, de tudo aquilo que a sociedade tem de mais abominável!", etc., etc., etc. Nunca pudemos compreender esse tipo de objeções. Desde então, dois portentosos romancistas, dos quais um é profundo observador do coração humano, o outro um intrépido amigo do povo, Balzac e Eugéne Sue, tendo apresentado ladrões que falavam em sua língua natural, como tinha feito em 1828 o autor de *O último dia de um condenado*, as mesmas reclamações se levantaram. Repetiu-se então: "O querem de nós os escritores com esse patoá revoltante? a gíria é odienta! a gíria faz tremer!". (HUGO. 1989, p.989)

Provavelmente esse fragmento do texto de Hugo se refere à reação do público leitor burguês, que em sua maior parte, renega a gíria, entendendo que esse fenômeno de linguagem está diretamente ligado ao que a sociedade burguesa mais abomina a miséria.

Entretanto Victor Hugo as expõe como parte fundamental de sua narrativa, uma vez que o autor enfatiza a necessidade de se abordar a gíria como parte integral para a descrição de sua sociedade, abordar a gíria, sendo ela elemento fundamental da comunicação dos diversos grupos que habitam a cidade de Paris, nesse sentido representar uma Paris em pleno movimento permeada do seus problemas e das relações do cotidiano.

Para, além disso, Hugo procura demonstrar que por mais odienta que a gíria possa parecer, ela está diretamente ligada à sociedade.

No entanto, desde quando o horror exclui o estudo? desde quando a doença afugenta o médico? Imagina-se um naturalista que se recusasse a estudar a víbora, o escorpião, a tarântula, e que os atirasse às trevas dizendo: "Oh! que coisa feia!" O pensador que se desviasse da gíria pareceria um cirurgião que se desviasse de uma úlcera ou uma verruga. Seria um filólogo hesitando em examinar um fato de língua,

um filósofo hesitando em examinar um fato da humanidade. Pois, é preciso dizê-lo aos que ignoram, a gíria é, em conjunto, um fenômeno literário e um resultado social. O quê é a gíria propriamente dita? A gíria é a língua da miséria. . (HUGO. 1989, p. 990.)

Nesse sentido fica evidente o que o autor buscou com esse trecho da obra onde faz seu estudo sobre a gíria, Hugo provavelmente se utilizou da gíria como tema para definir, não só os grupos atuantes na cidade, mas também como um referencial que identifica as falhas de sua sociedade, se utilizando desse aspecto da comunicação, Victor Hugo pode criar em sua narrativa um quadro onde e possível mesmo na Paris da primeira metade do século XIX se identificar os diversos grupos sociais em um mesmo espaço urbano.

Bom e valido lembrar que a Paris representada na obra *Os Miseráveis*, não e a mesma cidade após a reforma e a principal inquietude levantada antes da reforma proposta por Luís Napoleão está ligada a higienização do espaço urbano, nesse sentido a Paris de *Os Miseráveis*, nos remete a uma cidade que apesar de estar caminhando rumo à industrialização ainda tem características medievais marcantes.

O espaço urbano da obra de Hugo deixa evidente vários desses aspectos medievais, um deles e a presença das múltiplas classes sociais num mesmo espaço, uma vez que as primeiras leis vinculadas a industrialização da cidade de Paris só vão aparecer após a revolução de 1848, enquanto que a obra de Hugo se passa entre 1815 e 1832, em uma cidade que, ainda abriga os mendigos, trabalhadores e burgueses no centro da cidade.

Nesse sentido, o estudo da gíria proposto por Victor Hugo em sua obra *Os Miseráveis*, contempla todas essas classe uma vez que o autor expõe que a gíria permeia todas as classes sociais, mas que apenas e considerada gíria palavras ou expressões provenientes das classes consideradas inferiores.

Além de evidenciar esse aspecto da linguagem, Hugo ainda nos demonstra como a gíria se dispõe na sua sociedade e de como ela influencia na composição do tecido social da cidade de Paris, “além das origens filológicas que acabam de ser enumeradas, a gíria tem outras raízes mais naturais ainda e que saem, por assim dizer, do próprio espirito do homem:”(HUGO, 1989, p.997).

A outra raiz da gíria que Hugo se refere, provavelmente está ligada ao condicionamento do indivíduo e a classe social em que está inserido, ainda que um elemento determinante de formação humana, o advento da modernidade e a perspectiva da industrialização, o uso da gíria não seria um fenômeno apenas urbano mas, sim um resultado de influências socioculturais.

O que não impede levantar à hipótese de gírias integralmente urbanas, nesse sentido a narrativa de Victor Hugo, propõe outro sentido para a gíria, um sentido de oposição a classe dominante, hora usada para planejar roubos, pois os ladrões codificam suas falas para não levantar suspeitas segundo Hugo, em outro momento como mero acidente linguístico.

Considerações Finais:

As cidades no século XIX configuram um tema muito visitado pela literatura, não por acaso, uma vez que o crescimento desenfreado do final do século XVIII e início do XIX proporcionaram tiveram acentuados reflexos.

Nesse sentido, utilizar a literatura como ferramenta de estudo do espaço urbano permite que possamos abrir um maior leque de possibilidades de representação uma vez que cada escritor buscou em suas inquietudes abordar os elementos de sua sociedade que mais os deixavam perplexos, assim como Charles Pierre Baudelaire escreveu para chocar usando seus versos considerados malditos, Mary Sheley buscou temas sóbrios e analogias fortes para descrever a promiscuidade e a decadência, Hugo buscou em sua narrativa traçar um cenário de injustiças sociais em sua obra que tem mais do que sugestivo o nome de *Os Miseráveis*.

Em sua narrativa Hugo não deixou de lado suas inquietudes, suas insatisfações e seu enfoque político.

Procurou abordar as diversas configurações que assombravam os habitantes de Paris, demonstrou, em sua obra as diversas relações pré-estabelecidas pela nova relação do trabalho.

E no 7º livro do segundo volume de sua obra *Os Miseráveis*, elaborou um estudo sobre a gíria, nesse estudo Hugo além de trazer em sua ficção traços sucintos de uma realidade social também propôs um ponto de vista político uma vez que ao

descrever a gíria, o autor buscou abordar três aspectos distintos: as suas origens, a sua dinâmica e a sua função enquanto fenômeno de linguagem.

E nesse sentido Victor Hugo como agente político de seu tempo fez sua crítica, tornou possível não só uma nova configuração do estudo da fala, mas também uma representação mais acentuada do comportamento dos grupos marginais no espaço urbano da cidade de Paris na Primeira metade do século XIX.

Entretanto é válido ressaltar que o estudo a cerca do espaço urbano deve ser revisitado frequentemente uma vez que a fala e o estudo da gíria descrito na obra *Os Miseráveis*, apenas nos remete a um desses aspectos, segundo a visão de um autor em específico, em outras palavras um ponto de vista individual.

Entretanto o fato não é negar tais experiências, mas buscar uma representação que possa contribuir para novas reflexões e análises, a partir da configuração do espaço Urbano de Paris em sua obra.

Referências:

BAUDELAIRE, Charles Pierre. Reflexões sobre meus contemporâneos: São Paulo: EDUC/ Imaginário, 1992.

BRESCIANI, Maria Stella M. Londres e Paris no Século XIX: O espetáculo da pobreza. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLOOM, Harold Gênio os 100 autores mais criativos da historia da literatura. Rio de Janeiro: objetiva, 2003.

CERTEAU, Michel. A escrita da história: Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008.

MATOS, Maria Izilda Santos de. A cidade em debate: São Paulo: olho d'agua, 1999

MENEZES, Marcos Antonio de. O Poeta da Vida Moderna: história e literatura em Baudelaire. 1ª ed. Curitiba, PR: CRV, 2013.

MENEZES, Marcos Antonio de. O Poeta Baudelaire e a Cidade de Paris. *Coletâneas do Nosso Tempo*. Rondonópolis-MT, vol. 07, nº8, ago. dez. 2008, p. 113-128.